

PROPOSTA DE CURSO DE EXTENSÃO

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS – UNIMES

MESTRADO PROFISSIONAL EM

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

SÔNIA LAIDE LACERDA NEVES

**PROPOSTA DE CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFESSORES E GESTORES DE ENSINO: O
DIÁLOGO E A ESCUTA ATIVA E SENSÍVEL PROPICIADOS PELA GESTÃO DEMOCRÁTICA
ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM**

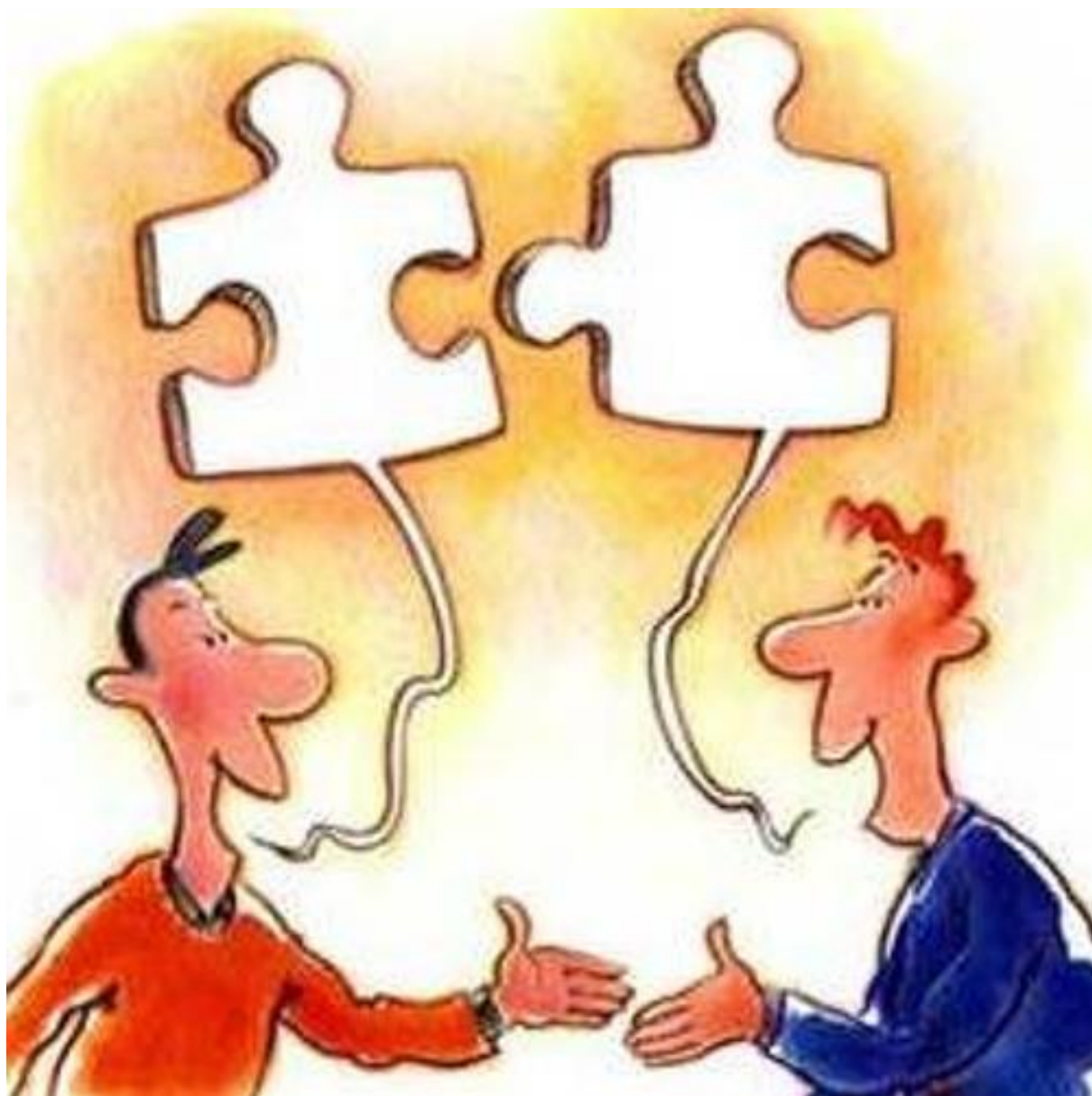
Produto para obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental e validado pela banca de dissertação composta pelos examinadores Prof^a Dra. Abigail Malavasi, Prof^a. Dr^a. Ana Paula Gonçalves Pita, Prof. Dr. Leandro Nóbrega Pinheiro.

Orientação: Prof. Dr. Michel da Costa

SANTOS

2023

**O DIÁLOGO E A ESCUTA ATIVA E SENSÍVEL PROPICIADOS PELA GESTÃO
DEMOCRÁTICA ESCOLAR COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM**



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS – UNIMES
Mestrado Profissional em Práticas Docentes
no Ensino Fundamental

SONIA LAIDE LACERDA NEVES

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
1.1 TÍTULO	9
1.2 NATUREZA	9
2. OBJETIVOS	9
2.1 Objetivo Geral	9
2.2 Objetivos Específicos	9
3. METODOLOGIA	10
3.1 Primeiro momento:	11
3.2 Segundo momento:	12
3.3 Terceiro momento:	14
3.4 Quarto momento, dividido em 4 aulas:	16
4. AVALIAÇÃO	24
5. REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

Este produto é resultado das experiências vivenciadas, nas escolas em que atuo há mais de vinte e sete anos, e da minha pesquisa de mestrado, intitulada “Gestão Escolar Democrática: a transformação social por meio da escuta ativa e sensível de uma comunidade escolar”, que traz uma reflexão sobre a relevância da escuta ativa e sensível, praticada por uma gestão democrática que tem por finalidade melhorar o ensino e a aprendizagem de uma comunidade educacional, tornando-a participativa e atuante.

Neste produto, apresento a proposta de um curso de formação para professores e gestores educacionais, que queiram refletir sobre a importância de se implementar uma escola realmente democrática por meio do diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem.

A formação dar-se-á a partir dos seguintes questionamentos: Temos de fato uma escola democrática? Esta escola dá voz e vez aos estudantes, propiciando assim o diálogo? Os mecanismos de participação são de fato funcionais e priorizam o diálogo como ferramenta de aprendizagem? Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem? Para fundamentar as respostas a essas perguntas, utilizei-me, além da pesquisa qualitativa em revisão de literatura, da pesquisa participante, tendo como base teórica Libâneo (1985), Gadotti (2001), Gómez (2008), Saviani (2008), Souza (2009), Freire (2016), Paro (2017), entre outros.

Assim, a formação ocorrerá em quatro momentos. Cada aula iniciará com um questionamento, para que as pessoas tenham oportunidade de falar e de ser escutadas sobre o tema em questão.

O primeiro momento partirá do seguinte questionamento: Quais ações fazem da sua escola uma escola democrática?

Após escutar as pessoas e dialogar com elas, será apresentada a legislação que garante a gestão democrática e, também, alguns autores, os quais serão citados em cada aula, especificada, na sequência desta proposta,

delineando, a partir das discussões, legislações e teorias, sobre o que de fato é uma escola democrática. Ao final da aula, propor-se-á uma dinâmica que permita a experiência de uma ação democrática que confronte a prática não democrática.

No segundo momento, a pergunta será a seguinte: Temos de fato uma escola democrática? Esta questão dará abertura para que as pessoas falem sobre os mecanismos de participação que elas experienciam nas unidades de ensino em que atuam. Essa troca dialógica de experiência será validada por meio da fala dos autores e de pesquisadores, escolhidos para este momento, os quais apontam que a maioria das escolas não valoriza a participação da comunidade escolar no âmbito educacional, não está interessada em dialogar com os alunos, com as pessoas, por isso marca as reuniões de conselho em horários que não são compatíveis com os dos membros que os compõem e, dessa forma, as decisões que deveriam ser tomadas pelo coletivo, são tomadas pela gestão escolar e pelos professores ou, em algumas situações, apenas pelo diretor escolar. A partir dessas colocações, propõe-se uma dinâmica que valide a importância da participação da comunidade escolar nos conselhos e colegiados.

Já no terceiro momento, a questão será a seguinte: A escola dá voz e vez aos estudantes, propiciando assim o diálogo? A proposta desta aula será conduzir os professores e os gestores educacionais a refletir que, em pleno século XXI, ainda notamos que as ações da maioria dos gestores e as aulas ministradas pelos professores não privilegiam o diálogo, pois ainda se faz uso da educação bancária, conforme aponta a pesquisa e os autores citados para esta reflexão. Os educadores, nesta aula, serão incentivados a falar de suas práticas escolares, para que possam compará-las com as metodologias que incentivam o protagonismo dos estudantes. Na sequência, apresentar-se-á uma dinâmica que promova a utilização de metodologias ativas¹.

¹ Para Yamamoto, Iara (2016, p.50), [...]as metodologias ativas de aprendizagem estão fundamentadas nos princípios de autonomia, do conhecimento crítico, por intermédio da investigação da temática significativa, da problematização declaradas com veemência nas obras de Paulo Freire, principalmente, em sua pedagogia do oprimido. Em sua proposta, a atividade educativa é pautada na realidade social dos indivíduos em que a construção do conhecimento se dá pelo movimento de ação sobre a realidade em uma abordagem que estimula os estudantes a pensar sobre o seu mundo tendo como propósito a promoção da consciência crítica inserindo-os como sujeitos com poder de transformação deste cenário.

O quarto momento apresentará o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem e dar-se-á sugestões sobre como utilizá-las, no cotidiano escolar de maneira prática, por isso serão necessárias quatro aulas, lecionadas a partir da seguinte pergunta: Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem? Na primeira etapa, a aula trará a definição de escutar e de ouvir, abordando a diferença de significado, a partir da etimologia destas palavras. A proposta será salientar que professores e gestores que não falam com os alunos, que não os escutam, não estabelecem vínculo com eles. Conseqüentemente, como esses professores e gestores não escutam, também não são escutados. Nessa perspectiva o ensino e a aprendizagem não se efetivam, pois os alunos são culpados por não aprender e os professores cobrados por não ensinar.

Nesta aula, segunda etapa, serão apresentadas situações problema, comum nos ambientes escolares, a serem resolvidas, utilizando o diálogo e a escuta ativa e sensível. Primeiro, os professores e gestores educacionais serão motivados a falar de práticas que promovem o diálogo e a escuta ativa e sensível e a socializá-las por meio de oficinas.

Já a terceira etapa será baseada no conhecimento que os “cursistas” trazem consigo e a partir destes, serão sugeridas novas práticas, as quais serão compartilhadas e aprimoradas, sob orientação da articuladora do curso, para serem colocadas em prática no ambiente escolar.

Para Freire (2016, p.136) “O diálogo não pode existir sem um amor profundo pelo mundo e pelos homens”, também não pode existir sem humildade, sem fé, sem confiança mútua, sem esperança e sem pensamento crítico. Todos esses elementos fazem do diálogo, conforme explicita Freire (2016, p139) “...o método correto. A convicção que os oprimidos têm de que devem lutar pela libertação não é um dom dos líderes revolucionários, mas o resultado da própria consciência.” Será dialogado com os cursistas, o método na perspectiva freiriana, conforme explicitado na citação, pois quando o diálogo for utilizado como ferramenta de ensino e de aprendizagem pela maioria dos educadores, nos termos em que fora posto por Freire, educadores e educandos lutarão pela libertação, pois terão tomado a consciência própria.

Na quarta etapa compartilharei a minha experiência enquanto pesquisadora, gestora e professora praticante do diálogo e da escuta ativa e sensível. Como gestora, observo que alguns professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem, e os resultados são, na maioria das vezes, catastróficos: notas baixíssimas e alunos desmotivados. Tais professores, não são democráticos, adotam uma postura tradicional, autoritária, pois supervalorizam o conhecimento que trazem consigo e tratam os alunos como seres “occos”, ainda alegam que estão na escola para ensinar, não para “bater papo”, que não estudaram para isso. Não foram poucas as vezes que escutei essa fala, na sala de professores. Para Freire (2021), esse professor autoritário, que não escuta o aluno, nega a si mesmo a afirmação do educando como sujeito.

Nesta etapa, deixo claro que todo ensino de conteúdos demanda de quem se acha na posição de aprendiz que, a partir de certo momento, vá assumindo a autoria também do conhecimento do objeto. O professor e gestor autoritário que se recusa a escutar os alunos, se fecha a esta aventura criadora. Nega a si mesmo a participação neste momento de boniteza² singular: o da afirmação do educando como sujeito de conhecimento. É por isso que o ensino dos conteúdos criticamente realizado, envolve a abertura total do professor ou da professora, a tentativa legítima do educando, para tomar em suas mãos a responsabilidade de sujeito que conhece. (FREIRE, 2021, p.122)

Como diretora de escola, cargo que assumi em 2021, tenho colocado em prática os métodos e as leituras realizadas, para tornar o Conselho de Classe e o Grêmio Estudantil atuantes. O grêmio ganhou um espaço, uma sala, para reuniões e tomadas de decisões, isso deu a seus representantes uma sensação de pertencimento, eles passaram a ter prazer de estar na escola. Já para o Conselho de Escola foi criado um grupo, no *WhatsApp*, que tem por finalidade facilitar a comunicação entre seus membros e a equipe gestora da unidade

² Significado da palavra boniteza no Dicionário Paulo Freire: [...] esta dimensão, boniteza, faz parte para Paulo Freire, da concepção da vida, bem como amorosidade, bem querer, amizade, solidariedade, utopia, alegria, esperança, estética e genteidade. A vida há que ser bonita, não só a vida do indivíduo, mas a realização de um povo. [...] “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (FREIRE, 1996, p. 26).

escolar. Foi acordado que diante de uma insatisfação, de uma crítica, de uma reivindicação, de uma sugestão, qualquer membro poderá solicitar uma reunião e que a direção poderá convocar para as reuniões ordinárias e extraordinárias, no grupo, para deliberar, avaliar ou fiscalizar situações pertinentes à educação ou correlata a elas. Esse contato direto com a comunidade tem trazido excelentes resultados tanto na aprendizagem dos alunos, quanto nas questões disciplinares, consideradas muito relevantes para os responsáveis pelos alunos.

Compartilharei, também, nesta aula, que a tarefa de colocar em prática os mecanismos de participação, não tem sido fácil, pois as pessoas não estão acostumadas a participar de fato, indo às reuniões, manifestando seus anseios e desejos, sendo consultadas, na elaboração de projetos e da proposta pedagógica e convidadas a assumir a responsabilidade de colaborar com a construção de uma escola melhor. Abordarei que nesse contexto, tenho encontrado resistência até das pessoas que compõem a equipe gestora, por não estarem acostumadas com a presença de alunos, funcionários, pais, além de professores e gestores em reuniões. Elas acham estranha a minha postura de dar voz e vez a todos, de pedir opinião, de aceitar sugestões e críticas. Sempre ouço a seguinte frase “Só aqui nessa escola que é assim”. Há quem ache que agindo assim eu perderei a minha “autoridade” de diretora. Mas, no meu ponto de vista, estou fazendo uma gestão democrática, baseada na teoria, participação e no diálogo, não na autoridade. E quem dera todas as escolas fossem assim. Salientarei, nesta etapa, a importância do diálogo da escuta e dos mecanismos de participação como ferramentas para o exercício da democracia e consequentemente para a transformação³ da comunidade escolar.

Espero que os conhecimentos gerados a partir desta proposta oportunizem aos professores e gestores educacionais um novo olhar para a

³ O sentido de “transformação”, nesta proposta de curso, é de acordo com o descrito no Dicionário Paulo Freire (p.111): “Em Pedagogia da autonomia (1996), última obra completa de Freire, ele deixa claro que mudança é mais que assumir discurso: é um direito (p. 37) a ser testemunhado, um reconhecimento ao diferente (p. 55); como “resultado de aprendizagem” (p. 77). Mudança implica dialetização, isto é, denúncia e possibilidade de anúncio. “Mudar é difícil, mas necessário e possível” (p. 88). Freire relaciona transformação com “posturas revolucionárias” (p. 88).

gestão e para os alunos, propiciando assim uma escola mais dialógica e mais democrática.

1.1 TÍTULO

O título que descreve o curso “O Diálogo e a Escuta Ativa e Sensível propiciados pela Gestão Democrática Escolar como Ferramenta de Aprendizagem” afirma o diálogo e a escuta como recursos utilizados pela gestão democrática, para melhorar a aprendizagem, logo a proposta se desenvolve na área do ensino, no ambiente educacional.

1.2 NATUREZA

A proposta é de curso de extensão, formação continuada, para professores e gestores, na modalidade presencial, com carga horária mínima de 30 horas/aula, incluindo o tempo para a leitura dos textos sugeridos. A finalidade será de refletir sobre as ações democráticas e as metodologias que envolvem o diálogo e a escuta, além de complementar ou atualizar a formação acadêmica dos professores e gestores.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Possibilitar, a partir do diálogo, da escuta e da reflexão, mudanças, não apenas nas práticas pedagógicas, mas na forma de ver-ouvir-sentir o outro, dando a ele voz e vez, para que ele transforme o espaço e a si mesmo, na construção de sua aprendizagem.

2.2 Objetivos Específicos

Estimular os professores e gestores educacionais ao desenvolvimento de uma postura reflexiva, crítica e transformadora da prática pedagógica da comunidade escolar, tendo como objetivos:

- Refletir sobre quais ações fazem da escola uma escola democrática;

- apresentar a legislação que garante a gestão democrática, para reflexão e leitura;
- sugerir leitura das obras citadas em cada módulo, para aquisição de embasamento teórico sobre a gestão democrática e a escola participativa;
- delinear, a partir das citações dos autores selecionados, o que de fato é uma escola democrática e quais ações ela pratica;
- incentivar os gestores a dar voz e vez à comunidade escolar, por meio do diálogo e da escuta, para que os mecanismos de participação sejam atuantes;
- auxiliar os professores e gestores na compreensão de como trabalhar a escuta ativa e sensível no âmbito escolar, para a melhoria da aprendizagem;
- criar condições para que os professores e gestores se sintam preparados para colocar em prática o diálogo e a escuta ativa como ferramentas de aprendizagem;
- motivar os educadores à mudança de suas práticas, na perspectiva de que são orientadores, mediadores da aprendizagem, não detentores de saberes absolutos;
- incentivar ações democráticas que confronte a prática não democrática;
- propor práticas escolares que incentivem a utilização de metodologias ativas.

3. METODOLOGIA

O curso está dividido em sete aulas presenciais de uma hora e trinta minutos cada uma, realizadas em quatro momentos conforme descrição, nos quadros que seguem, sendo que das sete aulas, quatro estão destinadas ao quarto momento. Para as aulas serão utilizadas as seguintes metodologias:

- Exposição pelo professor (Apresentação de temas, explicação, demonstração de ações relevantes, exemplificação);
 - Trabalho independente (desenvolvimento de tarefas dirigidas e orientadas pelo professor, como por exemplo: leitura orientada, investigação e solução de problemas, sínteses preparatórias ou de elaboração posterior à aula);
 - Elaboração conjunta (aula dialogada, roda de conversa sobre o tema, perguntas instigadoras de discussão e de buscas de novos olhares para a questão em estudo);
 - Trabalho em grupo (os alunos em cooperação desenvolvem tarefas propostas pelo professor, comunicam os resultados à classe.

3.1 Primeiro momento:

Figura 01- Democracia



FONTE: gestaoescolar.org.br

AULA1- *Quais ações fazem da sua escola uma escola democrática? (Tempo: 1h30min.)*

Objetivo: Refletir sobre as ações que fazem com que a escola seja uma escola democrática.

Essa aula trará uma reflexão sobre as ações praticadas no âmbito escolar, com o intuito de fazer as pessoas pontuarem as ações que elas julgam democráticas, pois em pleno século XXI, notamos que as aulas ministradas pelos professores não privilegiam o diálogo, que os conselhos ou equivalentes não são funcionais e que, na prática, a democracia escolar ainda é uma utopia, pois a maioria dos sistemas de ensino determina o currículo, os projetos, o material pedagógico, os livros didáticos, enfim, retira da escola e do professor a autonomia, o direito ao diálogo e à escolha.

Por outro lado, a maioria das escolas não valoriza a participação da comunidade escolar no âmbito educacional, não está interessada em dialogar com os alunos, com as pessoas, por isso marca as reuniões de conselho em horários que não são compatíveis com os dos membros que os compõem e, dessa forma, as decisões que deveriam ser tomadas pelo coletivo, são tomadas pela gestão escolar e pelos professores ou, em algumas situações, apenas pelo diretor escolar.

Nesses termos a descentralização não ocorre, pois o poder de decisão está centralizado no diretor e o que se nota é a manipulação de uma participação forjada, não dialógica. De acordo com Gadotti (2001).

Compartilhando conhecimento: Roda de conversa e apresentação de slides com fragmentos de textos, para validar os argumentos, as ideias e as reflexões.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: São Paulo: Cortez, 2016. teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**, 7.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIROUX, Henry A. **Professores como intelectuais transformadores** (cap. 9). In: _____. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

3.2 Segundo momento:

Figura 02 - Democracia



Fonte: kuadro.com.br

AULA 2- Temos de fato uma escola democrática? (Tempo: 1h30min.)

Objetivos: Apresentar a legislação que garante a gestão democrática, para reflexão e leitura; direcionar a leitura das obras citadas em cada módulo, para aquisição de embasamento teórico sobre a gestão democrática e a escola participativa.

A proposta desta aula consistirá em: a partir do questionamento as pessoas falarem sobre os mecanismos de participação que elas experienciam nas unidades de ensino em que atuam, pois chegamos ao ano de 2023 e a escola democrática ainda está em processo de implementação.

Embora exista uma legislação vigente que garanta a gestão democrática às escolas públicas, há uma dificuldade muito grande, por parte da maioria dos gestores, em assegurá-la, devido a vários fatores, como por exemplo: a obrigatoriedade de se seguir um currículo, organizado por um sistema de ensino, municipal, estadual ou federal, imposto às escolas, sem levar em consideração as peculiaridades de cada uma delas; a falsa autonomia dada ao professor e à gestão escolar, na elaboração do Projeto Político Pedagógico; a obrigatoriedade de participar de programas e de realizar projetos idealizados e criados pelas Secretarias de Educação.

Por outro lado, verificamos, também, a falsa atuação dos conselhos, colegiados e grêmios estudantis, os quais existem apenas no papel, todavia não são funcionais e não garantem a participação de toda a comunidade educativa na elaboração da proposta pedagógica e nas decisões pertinentes ao ensino e à aprendizagem de cada estudante, geralmente tratado, nos conselhos de classe e ano de escolaridade, com a presença parcial da equipe gestora e

dos professores apenas. Posto isso, o sonho da escola democrática parece utópico, no sentido da utopia posta por Paro (2017, p.11-12):

Compartilhando conhecimento: Propor uma dinâmica que valide a importância da participação da comunidade escolar nos conselhos e colegiados.

Leitura complementar

ABRANCHES, Monica. **Colegiado Escolar:** espaço de participação da comunidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/1996.

PARO, Vítor Henrique. **Gestão democrática da escola pública.** São Paulo: Cortez, 2017.

3.3 Terceiro momento:

Figura 03- Educação Crítica



Fonte: <https://musicaeinclusao.files.wordpress.com>

AULA 3- A escola dá voz e vez aos estudantes, propiciando assim o diálogo? (Tempo: 1h30min.)

Objetivos: Incentivar os gestores a dar voz e vez a comunidade escolar, por meio do diálogo e da escuta, para que os mecanismos de participação sejam atuantes;

auxiliar os professores e gestores na compreensão de como trabalhar a escuta ativa e sensível no âmbito escolar, para a melhoria da aprendizagem.

Por meio da aula, os professores e os gestores educacionais serão levados a refletir sobre os espaços destinados a dar voz e vez aos alunos. Os alunos participam da construção da proposta pedagógica? São incentivados a participar do grêmio estudantil, a apresentar sugestões e a fazer reivindicações? As aulas ministradas pelos professores privilegiam o diálogo?

Será pontuado que, em muitas unidades de ensino, a gestão escolar ainda não dá conta de tornar os conselhos e o grêmio estudantil funcionais; na maioria das aulas, o diálogo não se estabelece, portanto, a formação crítica e participativa do educando fica comprometida e isso reverbera na ineficácia dos conselhos e grêmios estudantis, pois no início do ano letivo, elegem-se os membros de todos os seguimentos que a escola possui, registra-se em livro ata e a ação se encerra ali, porque os participantes desse processo não estão preparados criticamente, para cobrar dos gestores que a eleição saia da passividade do papel para uma ação real, que contemple a participação de todos no planejamento pedagógico, na Elaboração do Projeto Político Pedagógico, nos Conselhos de Classe etc. Para Freire (2016), é no diálogo que os homens se encontram e caminham para a transformação

Compartilhando conhecimento: Pedir aos educadores que falem de suas práticas escolares e na sequência propor dinâmica de utilização de metodologias ativas.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. **O compromisso do profissional com a sociedade.** In: _____. *Educação e Mudança*. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** São Paulo: Cortez, 2016. teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.

GÓMEZ, A. I. Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência (cap. I). In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ A. L. Pérez. **Comprender e Transformar o Ensino.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

3.4 Quarto momento, dividido em 4 aulas:

Aula 1:

Figura 04- Diálogo



Fonte: <https://sites.usp.br/psicousp/nova-pesquisa-estuda-contribuicoes-de-escolas-democraticas-para-o-ensino-publico/>

*Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem?
(Tempo: 1h30min.)*

Objetivos: Criar condições para que os professores e gestores se sintam preparados para colocar em prática o diálogo e a escuta ativa como ferramentas de aprendizagem;
motivar os educadores à mudança de suas práticas, na perspectiva de que são orientadores, mediadores da aprendizagem, não detentores de saberes absolutos.

A aula trará a definição de escutar e de ouvir, abordando a diferença de significado, a partir da etimologia destas palavras. A proposta será salientar que professores e gestores que não falam com os alunos, que não os escutam, não estabelecem vínculo com eles. Em consequência disso, estes alunos não estabelecem sentimento de pertença, no âmbito escolar, o que favorece as ações indisciplinadas.

Será feita, por meio da leitura, uma reflexão que dialogar é uma prática que se opõe ao ensino tradicional e que valida a democratização do ensino, pois abre espaço de fala ao outro, que tem a possibilidade de apresentar seus anseios, suas fragilidades e seus interesses.

Ponto de reflexão sobre a prática da articuladora: escutando sempre e dialogando que consigo levar aos educandos o conhecimento, o conteúdo que de fato é relevante para eles, que é necessário à realidade que enfrentam cotidianamente. É escutando que aprendo a falar com eles. Essa ação está referenciada em Freire (2021, p.117) “É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele.”

Compartilhando conhecimento: apresentar, por meio de dinâmica, possibilidades de reverter a situação (dificuldade de ensino e de aprendizagem), utilizando o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de mudança.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. **O compromisso do profissional com a sociedade.** In: _____. *Educação e Mudança*. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização:** São Paulo: Cortez, 2016. teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985

Aula 2:

Figura 05- Escuta



Fonte: passeidireto.com

Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem?
(Tempo: 1h30min.)

Objetivos: Criar condições para que os professores e gestores se sintam preparados para colocar em prática o diálogo e a escuta ativa como ferramentas de aprendizagem;

motivar os educadores à mudança de suas práticas, na perspectiva de que são orientadores, mediadores da aprendizagem, não detentores de saberes absolutos.

Nesta aula, os professores e gestores educacionais serão motivados a falar de práticas que promovem o diálogo e a escuta ativa e sensível, sobre como resolvem, no chão da escola, as questões de indisciplina. Os professores conversam com os alunos, para conhecer a história de vida de cada um e entender suas dificuldades emocionais e cognitivas? A gestão escolar, quando os alunos são encaminhados à direção, conversa para entender as situações, ou trata pontualmente a situação, sem escutar os estudantes? Professores, funcionários, pais são escutados? Todos se percebem educadores, no ambiente escolar?

Após refletir sobre todas essas questões, será feita a socialização de ações dialógicas, por meio de oficina, que deram bons resultados.

Por meio da oficina, esclarecer-se-á que a comunicação só se efetiva quando a mensagem é compreendida pelo outro, por isso, o educador que pratica a escuta ativa e sensível aprende a árdua tarefa de transformar o seu discurso com o estudante em uma fala com ele. E, nessa fala, abre-se o espaço para conhecê-lo com suas dificuldades, limitações, potencialidades e interesses, então, percebe-se que é nesse processo de “escuta-fala” com o aluno que se concretiza a aprendizagem, pois passa-se a comunicar, ao invés de fazer comunicados, o que implica, neste último caso, em transmitir o que está previsto em um currículo, ou em um plano de ensino, ignorando as peculiaridades, o tempo e as condições de aprendizagem de cada um.

É por meio do diálogo que conhecemos o outro e que nos deixamos conhecer. Esse conhecimento mútuo, humanizado, dialógico propicia a aprendizagem do ser com o Ser.

Compartilhando conhecimento: apresentar possibilidades de ampliar o diálogo e a escuta ativa com a comunidade escolar, por meio dos conselhos e colegiados.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

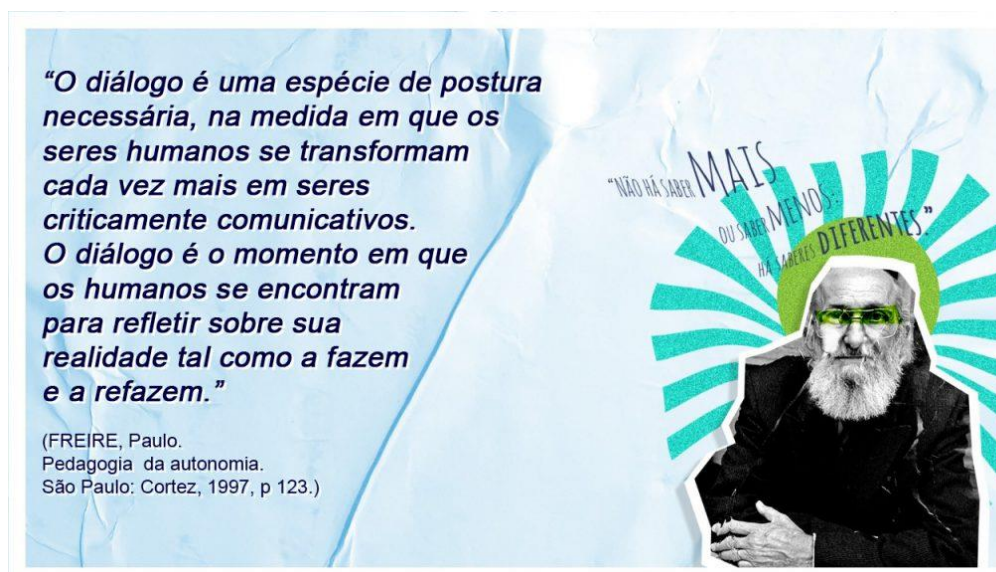
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**: São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985

Aula 3:

Figura 06- Diálogo



Fonte: institutounibanco.org.br

Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem?
(Tempo: 1h30min.)

Objetivos: Criar condições para que os professores e gestores se sintam preparados para colocar em prática o diálogo e a escuta ativa como ferramentas de aprendizagem;
 incentivar ações democráticas que confronte a prática não democrática;
 propor práticas escolares que incentivem a utilização de metodologias ativas.

Esta aula será baseada no conhecimento que os “cursistas” trouxeram consigo, já discutidos na aula anterior, e a partir destes, serão sugeridas novas práticas: roda de conversa; leitura interativa; produção de texto a partir da dinâmica “Quem Sou eu”; show de talentos etc. Tais práticas serão compartilhadas e aprimoradas pelo grupo, sob orientação da articuladora do curso, para serem colocadas em prática no ambiente escolar.

Compartilharei com o grupo que, na minha prática, como pesquisadora, gestora e professora, tenho experienciado o diálogo como ferramenta de aprendizagem, pois quanto mais me coloco à disposição dos alunos e abro espaço de escuta e de fala com eles, por meio de rodas: de conversa, de leitura, de debate e de diálogo informal, a partir de temas propostos por eles, mais conheço suas dificuldades, suas limitações, suas fragilidades.

E nessa aproximação, que permite a troca de angústias e de anseios, de aprendizagem, o nível de confiança deles aumenta, pois veem em mim alguém que se preocupa com eles e que está disposta, não apenas a ouvi-los, mas também a entendê-los e a ajudá-los.

Esse relacionamento de troca e de cumplicidade, reverbera na melhoria do ensino e da aprendizagem, visto que os alunos ganham autoria do objeto de conhecimento.

Compartilhando conhecimento: realizar atividades práticas, utilizando o diálogo e a escuta ativa e sensível como referência, para que possam ser utilizadas na escola com os estudantes.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**: São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1985

Aula 4:

Figura 07- O diálogo e a escuta ativa e sensível



Fonte: <https://www.saedf.org.br/index.php/destaques/gestao-democratica-uma-visao-de-escola-publica-fortalecida>

Como utilizar o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de aprendizagem?
(Tempo: 1h30min.)

Objetivos: Criar condições para que os professores e gestores se sintam preparados para colocar em prática o diálogo e a escuta ativa como ferramentas de aprendizagem;

motivar os educadores à mudança de suas práticas, na perspectiva de que são orientadores, mediadores da aprendizagem, não detentores de saberes absolutos;

delinear, a partir das citações dos autores selecionados, o que de fato é uma escola democrática e quais ações ela pratica.

Na quarta etapa compartilho a minha experiência enquanto pesquisadora, gestora e professora praticante do diálogo e da escuta ativa e sensível.

Como diretora de escola, cargo que assumi há dois anos, em 2021, tenho colocado em prática os métodos e as leituras realizadas, para tornar o Conselho de Classe e o Grêmio Estudantil atuantes. O grêmio ganhou um espaço, uma sala, para reuniões e tomadas de decisões, isso deu a seus representantes uma sensação de pertencimento, eles passaram a ter prazer de estar na escola. Já para o Conselho de Escola, foi criado um grupo, no WhatsApp, que tem por finalidade facilitar a comunicação entre seus membros e a equipe gestora da unidade escolar.

Salienta-se nesta etapa a importância do diálogo da escuta e dos mecanismos de participação como ferramentas para o exercício da democracia e conseqüentemente para a transformação da comunidade escolar.

Serão dadas sugestões práticas sobre como interessar os alunos e as pessoas da comunidade escolar a participarem dos conselhos e colegiados e indicados alguns caminhos para democratizar a gestão.

Compartilhando conhecimento: apresentar, por meio de dinâmica, possibilidades de reverter a situação (dificuldade de ensino e de aprendizagem), utilizando o diálogo e a escuta ativa e sensível como ferramentas de mudança e de transformação da comunidade escolar.

Leitura complementar

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire: São Paulo: Cortez, 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985

Para o encerramento do curso, será lido o poema “Escola é”, de Paulo Freire, para reflexão e autoavaliação.

Escola é

... o lugar que se faz amigos.

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Escola é sobretudo, gente

Gente que trabalha, que estuda

Que alegre, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,

O coordenador é gente,

O professor é gente,

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor

Na medida em que cada um se comporte

Como colega, amigo, irmão.

Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”

Nada de conviver com as pessoas e depois,

Descobrir que não tem amizade a ninguém.

Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,

É também criar laços de amizade, É criar ambiente de camaradagem,

É conviver, é se “amarrar nela”!

Ora é lógico...

Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.

É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

4. AVALIAÇÃO

A avaliação é realizada com a finalidade de verificar se os objetivos propostos para o curso foram alcançados, se os cursistas consolidaram a aprendizagem referente aos temas abordados e apresentam possibilidades de reverem suas ações. Avalia-se, também, se a situação de aprendizagem foi adequada quanto à metodologia, à socialização e à interação entre os cursistas e entre mediador e cursistas, bem como a duração das aulas.

5. REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Monica. **Colegiado Escolar**: espaço de participação da comunidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** de 1988.

BRASIL. Ministério da Educação/MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, nº 9394/1996.

DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 05 de jan. 2023.

FREIRE, Paulo. O compromisso do profissional com a sociedade. In: FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 70ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2016.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**, 7.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIROUX, Henry A. Professores como intelectuais transformadores (cap. 9). In: GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GÓMEZ, A. I. Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência (cap. I). In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ A. L. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

GÓMEZ, A. L. Ensino para compreensão (cap. IV). In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ A. L. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985

PARO, Vítor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Cortez, 2017.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, Ângelo R. de. Explorando e construindo um conceito de gestão escolar democrática. **Educação em Revista [online]**. 2009, v. 25, n. 3, pp. 123-140. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982009000300007>. Epub 18 Jan 2010. Acesso em: 11 jun. 2023.

YAMAMOTO, Iara. **Metodologias ativas de aprendizagem interferem no desempenho de estudantes**. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-22092016-121953/publico/OriginalIara.pdf>. Acesso em: 05 de jun.2023